

SHREK E A FÁBULA DA MODERNIDADE POLÍTICA

FICHA TÉCNICA:

Diretor: Andrew Adamson, Vicky Jenson

Elenco: Vozes na versão original: Mike Myers (Shrek), Eddie Murphy (Donkey), Cameron Diaz (princesa Fiona), John Lithgow (Lord Farquaad), Vincent Cassel (Monsieur Hood).

Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron Warner, John H. Williams

Roteiro: Ted Elliott, Terry Rossio, Roger S.H. Schulman, Joe Stillman (a partir do livro de William Steig)

Fotografia: - animação -

Trilha Sonora: Harry Gregson-Williams, John Powell

Duração: 90 min.

Ano: 2001

País: EUA

Gênero: Comédia

Cor: Colorido

Distribuidora: UIP

Estúdio: DreamWorks Animation / DreamWorks SKG / Pacific Pictures SRL

Resumo: Um ogro chamado Shrek, que vive num mundo de criaturas lendárias tiradas das histórias infantis, lança-se involuntariamente numa aventura de resgate de uma princesa na torre de um castelo guardado por perigoso dragão. No caminho de volta o ogro conhece o amor. Em meio a essa história de fantasias tradicionais em nosso mundo moderno, há a história dos grandes sistemas políticos, que também travam uma árdua luta entre a fantasia e a realidade.

Uma história de amor

Shrek é o tipo de filme que, tal como os livros sagrados, se dá ao gosto e necessidade de quem o procura – se é diversão o que se quer, ele é um entretenimento genial; se é reflexão o que se espera, ele é um estímulo profusamente generoso.

Para a primeira demanda, temos uma personagem que, embora sendo o centro da história, não é o herói que costumava habitar a nossa atenção até bem pouco tempo atrás; aliás, ele é a ironia dos nossos ideais de comportamento, é aquele que ironiza de si mesmo o tempo todo, em confronto ao que se deveria esperar de um herói. Esse deslocamento fica ainda mais definido e engraçado numa trama que costumava alojar as edificantes mensagens morais, as tradicionais histórias de fadas, com todas as suas personagens habitando agora a mesma trama e o mesmo pântano. Shrek é um indivíduo

moderno situado num entorno medieval; é cínico, individualista, egocêntrico, mas sensível e de bom coração. Em qualquer lugar e tempo, entretanto, um coração jovial, pronto para o amor, que luta contra o que se opõe à expressão de sua individualidade e possibilidade afetiva, nos encantarão seguramente, com muita eficiência.

É assim o delicioso enredo: Shrek é um ogro; não é feio, não é antipático, não é asqueroso. É apenas um ogro que convive com outras criaturas, inclusive humanos. É a clássica história do patinho feio que sofre por ser diferente, sem saber que não é pato, mas cisne. Só que no caso de Shrek, ele sabe que não é cisne, mas pato mesmo, e tem que se acostumar com a ideia.

Ele vive solitário em um pântano, já resignado pelas anteriores tentativas frustradas de socialização. Um dia aparece um burro falante, muito falante, meio Sancho Pança, cínico e um pouco autista, cheio de grilo de si, que força a amizade e a resistência de Shrek, que sabemos ser só de fachada. Nesse meio tempo, todas as criaturas das histórias imaginárias, como a Branca de Neve, a Cinderela, o Pinóquio, os três porquinhos, fadas, raposas etc, aparecem na sua propriedade e invadem a sua casa. Logo descobre que esses invasores foram expulsos de seus lugares pelo poderoso Lorde Farquaad, e vai ter com ele. O palácio do Lorde reflete os seus ideais de um reino perfeito – tudo muito asséptico, organizado, racionalizado. Numa conversa de igual para igual como Farquaad, do qual exige a retirada das criaturas do *seu* pântano, lhe é feita a seguinte proposta: se ele buscasse a princesa que está aprisionada num distante castelo, vigiada por um terrível dragão, para casar-se com o príncipe medroso, ele teria o seu lugar somente para si novamente. Shrek aceita a proposta e efetivamente a tira do castelo, mas o caminho de volta, por entre Robin Hoods, Brancas de Neve e Dom Quixotes, não ocorre como planejado. Numa época na qual isso seria impensável, o amor livre e entre diferentes acontece. Tudo, enfim, se constrói numa trama bela e divertida, mas isso não é tudo. Há como irmos um pouco mais a fundo.

A fábula da modernidade

Shrek bem que poderia virar a logomarca de alguma entidade defensora dos direitos humanos. Ele é um cidadão do mundo, é autônomo e livre, não se curva a qualquer padrão de comportamento estético ou moral, pois é efetivamente um indivíduo, e não barganha o seu ingresso no grupo social fingindo ser o que não é, e por isso mesmo é um ogro, como muitos de nossos pais foram, por serem ou lutarem para

ser autênticos. Se ele ainda não virou o símbolo da luta pelos direitos humanos foi por um só motivo – ele coerentemente não se vê como vítima e não acha que precisa da aprovação de nenhuma autoridade para ser o que é, e assume a competição nos seus termos em que ela se dá. Ele é ogro, e não quer nenhuma medida sócio-corretiva que o transforme em meio-homem.¹

A fantasia de sua vida é, entretanto, outra. Além da história de amor, do drama afetivo e psicológico das personagens, a história de Shrek é uma história política. Em Shrek vemos o homem ideal do projeto político liberal, que vê o projeto socialista incorporado no reino de Lorde Farquaad. Vejamos como isso se dá.

O ogro é o homem autêntico, que pode ter sua vida própria, a partir de seus próprios interesses, sem se dobrar aos imperativos da sociabilidade, tal como padrões estéticos, concessões morais, adaptabilidade, ser onerado com demandas e carências coletivas etc. Para sustentar essa liberdade, a liberdade de ter nas relações sociais apenas relações instrumentais, é preciso que haja a propriedade privada. Além disso, é necessário que a sua autonomia se refira a uma existência humana global, amparada por uma noção universalizada de dignidade e igualdade. Só por isso Shrek poderá ir, ao castelo de Farquaad, falar com ele de igual para igual, bater no peito e dizer: “eu quero que você tire aquelas criaturas do *meu* pântano!”. Não há ali a hierarquia medieval, a superioridade de uns sobre outros já dada pela natureza, mas apenas a instrumentalidade do poder, e o que não for assim é tirania.

A visão liberal não permite razões universais, a superioridade moral e intelectual, uma narração única e definitiva da existência. O nosso conhecimento do mundo e das sociedades é dado com parcimônia, fragmentariamente e sem garantias. Pela falta das grandes garantias, as relações se constroem na instrumentalidade e na competição. Somente assim o indivíduo pode ser autenticamente um indivíduo, não suscetível às demandas padronizantes de comportamento e gosto. É exatamente pela ousadia de ser um indivíduo (ou seja, um ogro), que os homens da vila o teme. Se toda a nossa educação é um adestramento para garantir que a nossa ação corresponda exatamente às expectativas dos outros, o homem livre não pode oferecer essa garantia, e por isso suscita medo. Ele pode conseguir algum poder social, pode ser até venerado por isso ou por suas qualidades excepcionais, mas o normal é que encontremos rapidamente

¹ Evidentemente que a sua autonomia é devida a uma conjuntura política e jurídica ideal, que não existe no nosso liberalismo realmente existente. A luta pelos direitos humanos é, em grande parte, para dar efetividade aos ideais já contidos na lei.

motivos morais e racionais para que ele seja logo morto. Os homens da vila vêm armados à sua casa para destruí-lo, e desistem pelo medo que ainda tem do ogro, que não é mais que o medo à liberdade.

É no recôndito de sua vida privada, que a todo o momento vê ser invadida, que encontra conforto e espontaneidade. O público pode ser o que for desde que respeite a constituição liberal-democrática, e o Estado, possivelmente mínimo, não avance sobre esse espaço sagrado do domínio privado. Neste caso, e num mesmo movimento, a moral se instrumentaliza entre as pessoas e se impõe sobre a sociedade e o Estado.

Farquaad, por outro lado, é o socialista visto pelo liberal. O seu projeto político é o de universalizar e impor uma concepção de bem, num movimento de racionalização integral da vida.

Quando Shrek e seu amigo Burro chegam ao castelo de Duloc (uma paródia da Disneylândia), vê catracas e cordões organizadores de fila, mesmo sem existir fila alguma. Autêntico e racional como é, leva tudo no peito, por não encontrar sentido individual nos códigos públicos, que muitas vezes são mesmo irracionais. A cidade é muito limpa, tudo é muito organizado, e não há o burburinho caótico das grandes concentrações humanas. Todos estão envolvidos num divertimento conduzido, num espetáculo de luta livre no qual as expressões do público são monitoradas, tal como nos programas de auditório televisivos. Placas com expressões emotivas (aplausos, vaias, indignação, risos) vão guiando as reações das pessoas.

O grande objetivo de Farquaad é fazer daquele um reino perfeito, mas para isso falta apenas conseguir uma esposa perfeita. Se o mundo não se curva ao seu ideal de perfeição, então ele usa o seu poder total para dobrar a realidade à sua vontade. Tal ocorre na hilariante cena da tortura do biscoitinho e do espelho mágico, para descobrir a sua princesa perfeita. É essa uma evidente referência às sociedades planejadas, cujos projetos políticos repousam sobre o determinismo histórico, sobre uma concepção de bem comum que deve ser imposta ao preço da liberdade individual e de novas perspectivas de vida mutiladas pelos ideais que querem se efetivar.

A fábula da autonomia racional

Sabemos hoje que Shrek existiu, e em grande quantidade no final do século XVIII. De lá para cá ele tem desaparecida até quase virar apenas uma fábula.

O movimento no sentido da igualdade foi mais forte que o da liberdade, por algum motivo alheio aos ideais iluministas, embora nenhum caminho pensado para o indivíduo num contexto de emancipação universal esteja perto de se concretizar.

A igualdade, embora implantada de maneira revolucionária com respeito ao mundo pré-moderno, quando se juntou ao mundo da competição econômica precisou de justificações cada vez mais abstratas para dar ares de legitimidade à desigualdade.

A liberdade, por sua vez, ao se unir à necessidade de segurança, forjou um mundo representativo, espetacular, um segundo mundo no qual ensaiamos toda a vida como num rascunho, sobrando pouquíssimo espaço para a vida de verdade. A vida social se torna uma fantasia, a qual todas as fantásticas ferramentas tecnológicas e jurídicas podem agora manipular com relativa facilidade, pois não passam mesmo de peças representativas, apenas, de contos de fadas interativos. Se é direito à representação o que queremos, teremos mais e mais direitos à representação!

No mundo de Shrek, dos ideais não realizados contra um mundo oposto igualmente não realizado, havia um mundo privado separado do mundo público, o primeiro se sobrepondo ao segundo. Hoje, ou no mundo da realidade, não há mais esfera privada separada da pública, a autonomia virou objeto de comércio, a liberdade se submeteu à segurança. E essa corrupção dos ideais não foi feita pelos projetos políticos concorrentes, mas pela própria realidade que nunca se submeteu inteiramente a nenhum ideal, nem de Shrek, nem de Farquaad.

E esse é o resultado: Shrek casou-se com Fiona, foi viver no palácio do Lorde, conseguiu um emprego público estável e em toda eleição vota nos partidos de esquerda. Por enquanto, é só.

Questões especulativas sobre o filme:

- 1) Por que Shrek representa o ideal liberal e Farquaad o ideal socialista?
- 2) Relacione direito, segurança e o ideal da liberdade fracassado em nossa atualidade.
- 3) Caracterize esse “segundo mundo”, o da representação, construído em nosso mundo racionalizado e economicizado.
- 4) O que precisaríamos fazer, política e juridicamente, para efetivar realmente os ideais de autonomia, liberdade e igualdade, tal como sonhado pelos revolucionários que fundaram o nosso mundo?

- 5) O projeto político moderno já foi alguma vez factível, ou foi sempre apenas um ideal atrativo? Valeria à pena continuar insistindo nos seus ideais? Que outro caminho teríamos?